

de certa maneira, em pouco tempo, causando um desequilíbrio das variáveis que constituem o lugar e a vida de relações desse lugar que se dá em outra escala e por outras lógicas conhecidas só por aqueles que nele vivem.

Referências bibliográficas

ARROYO, María Mónica. Território, transição e futuro. **Revista Experimental**, São Paulo, n. 1, p. 77-85, jul. 1996.

CANO, Wilson & BRANDÃO, Carlos A. **A Região Metropolitana de Campinas**: urbanização, economia, finanças e meio ambiente. Vols. 1 e 2. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensando único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, María Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. São Paulo: Record, 2001.

TOZI, Fábio. Usos corporativos e a impertinência do espaço de todos: a Região Metropolitana de Campinas e a privatização do Território Brasileiro. In: SOUZA, M. A. A. (org.). **A Metrópole e o Futuro**: Refletindo sobre Campinas. Campinas: Territorial, 2008.

CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS DA CIDADE: LEGIBILIDADE E IMAGINABILIDADE DA PAISAGEM DE CAMPINAS (SP)

Luiz Tiago de Paula

luiz.paula@ige.unicamp.br

Instituto de Geociências - Unicamp

Palavras-chave: geografia cultural e humanista, fenomenologia, paisagem, imagem, experiência urbana.

O presente trabalho visa apresentar possibilidades relacionadas aos âmbitos metodológico e epistemológico. Trata-se de uma pesquisa incipiente que encara o desafio de aliar a metodologia de Kevin Lynch, da década de 1950 sobre a imagem da cidade moderna, às novas orientações teóricas baseadas na Geografia Humanista e Cultural (HOLZER, 2010; RELPH, 1979; ENTRIKIN, 1980). O objetivo é, além de apresentar resultados empíricos da pesquisa, fazer um “vôo teórico”, em que estaremos preocupados com a abordagem e a maneira com as quais podemos estudar e viver a cidade.

Pensar a cidade, embora tanto a arte (ARGAN, 2005; CALVINO, 1990; SAINT-EXUPÉRY, 1982) quanto a ciência (CARLOS, 1999; FREITAG, 2006; OLIVEIRA, 2002; RÉMY e

VOYÉ, 1994) tenham exaustivamente se debruçado sobre este fenômeno, a segunda na maioria dos casos tem encarado o tema urbano a partir de suas variáveis e condicionantes econômicas que adjetivam o termo, como “urbano industrial”, “cidade capitalista” entre outros tantos (LEFEBVRE, 1969; SOJA, 1992). Isto nem sempre torna os sentidos e significados próprios, ou essenciais, da cidade e do urbano condizentes às experiências que se tem nela, vivências que extrapolam os elementos restritamente economicista.

A discussão centrada sobre a cidade e o modo de produção social e econômico é importante para se compreender o processo de reprodução e manutenção da vida no espaço urbano, suas estruturas e dinâmicas. No entanto, ela normatiza alguns pressupostos que não necessariamente estão preocupados com as práticas e *intersubjetividades* possíveis de uma experiência na cidade (BANERJEE e SOUTHWORTH, 1991; LYNCH, 2003; 2007; SENNETT, 2003;).

O presente trabalho propõe-se a pensar a cidade a partir de sua paisagem e construção de sua imagem por meio da experiência. Mas ele não requer enquadrá-la e adjetivá-la em um quadro mais generalizante. A partir da orientação fenomenológica e da Geografia Cultural Humanista (HURSSSEL, 1986; DARDEL, 2011; TUAN, 1980; TUAN, 1983; RELPH, 1979;

ENTRIKIN, 1980; BUTTIMER, 1985), a proposta é buscar fenomenologicamente as diferentes possibilidades de ser-estar na cidade e construir diferentes imagens de suas paisagens.

Dois fenômenos comuns das cidades de hoje é a mobilidade (LÉVY, 2001) e a expansão do sítio urbano. A combinação desses dois processos implicam em um modo de vida que não nos permitem viver as cidades onde moramos como um todo, mas apenas fragmentos delas. Trajetos de casa para o trabalho, lazer e estudo, cada vez mais longos nos consentem apenas pequenos “pedaços de cidade”, tornando sua imagem fragmentada e parcial.

Se vivemos as cidades de maneira fracionada, e estas crescem sem uma fisionomia contínua e integrada, o intento deste trabalho é compreender como se dá, então, a construção de suas imagens a partir dessa segmentação dos lugares. Discutiremos a ideia de *imagem*, segundo a concepção de Lynch (2003), que pode ser definida como uma gravura mental, possivelmente mutante, e abstrata da paisagem, a qual o indivíduo se utiliza para se locomover e se relacionar com os diferentes lugares.

Todo cidadão possui numerosas relações com algumas partes de sua cidade e as suas opiniões estão

impregnadas de memórias, significações e imaginação daqueles espaços conhecidos e desconhecidos (“escondidos”). Na concepção de Lynch (2003), na cidade, em termos de continuidade, nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos da paisagem que remontam às lembranças de experiências passadas (LYNCH, 2003).

No entanto, a fragmentação da experiência urbana, inclusive daquelas que nos remete ao passado, altera nossa maneira de se relacionar com a cidade. Vivemos numa modelo de áreas urbanas, onde a importância dos trajetos é diminuída gradativamente para dar espaço ao modelo “ponto-a-ponto” de deslocamento, ou de “efeito túnel”, gerando outras maneiras de construção das imagens, descontínuas. Estas descontinuidades afetam a *legibilidade* da forma da cidade, que pode ser entendida como a clareza ou facilidade de indicar por meio de uma qualidade visual aquelas categorias que Lynch propôs: 1) estrutura; 2) vias; 3) limites; 4) pontos nodais; 5) marcos e 6) bairros (LYNCH, 2003).

Se a imagem de Campinas é caótica e confusa, isso significa que não é apenas a forma (atributo físico e, portanto, visual) que causa a desorientação em imaginar e mapear mentalmente a cidade, mas também supõe que seus cidadãos

não constroem relações suficientes com suas partes para entendê-la e imaginá-la como um todo.

Uma cidade de imagem e formas marcantes pode aprofundar ou tornar efêmera a experiência que as pessoas têm dela. Observar a paisagem pode causar prazer ou repulsão, por mais rotineira que seja a vista panorâmica (LYNCH, 2003).

Essa capacidade de imaginar a cidade a partir de um mapa mental (GOUL e AGUIRRE, 1999; GOULD e WHITE, 1974) é o que chamamos aqui de *imaginabilidade*, que pode ser definida, em poucas palavras, como a capacidade coletiva ou individual de organizar cognitivamente o ambiente físico do espaço urbano.

A partir de trabalhos de campo e entrevistas semi-estruturadas feitas com moradores de Campinas (SP), aplicamos o questionário proposto por Kevin Lynch sobre a imagem da cidade. Ancorados sobre as metodologias qualitativas em ciências humanas (CHIZZOTTI, 2006), os questionários aplicados às pessoas de Campinas tiveram o objetivo de identificar a imagem do centro da cidade de Campinas.

Indícios preliminares revelaram que o caso de Campinas é semelhante ao que tem acontecido com as

grandes cidades, onde poucas delas são consistentes em termos de beleza, devido aos problemas de poluição, violência e abandono de algumas áreas, por exemplo. Entretanto, cada campineiro entrevistado estruturou sua própria cidade a partir de suas rotinas diárias e construíram imagens diferentes da mesma cidade.

Entrevistados que não são moradores da cidade, mas trabalham ou estudam nela, por exemplo, têm suas imagens reduzidas ao Centro da cidade, sendo seus pontos de referências mais funcionais, como os pontos de comércio que utilizam, do que propriamente elementos da paisagem que tem algum valor simbólico ou histórico da cidade. Moradores naturais da cidade ou estabelecidos há muito tempo possuem um rol mais rico de elementos sobre a imagem, porém apresentaram certa dificuldade em falar sobre a própria cidade.

Essas informações e outras nos ajudarão a introduzir alguns aspectos sobre a cidade de Campinas (SP), que tem certa pobreza em estudos e trabalhos relacionados aos seus lugares e paisagens. Buscaremos as imagens da cidade, a considerar a experiência dessas pessoas. Compreender as escolhas de seus trajetos e lugares de suas rotinas permitem que retornemos para mais próximo daquelas diferentes

possibilidades que dão característica própria a cidade contemporânea, complexa e multifacetada.

Referências bibliográficas

AGUIRRE, C. C. Mapas cognitivos. Qué son y cómo explorarlos. **Scripta Nova**, Barcelona, n. 33, fev. 1999. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-33.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2010.

ARGAN, G. C. **História da arte como história da cidade** (trad. Pier Luigi Cabra). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BANERJEE, T.; SOUTHWORTH, M. (eds.). **City Sense and City Design: writings and projects of Kevin Lynch**. Cambridge: The MIT Press, 1991.

BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1985.

CALVINO, I. **Cidades invisíveis** (trad. Diogo Mainardi). São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1999.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Vozes, 2006.

DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica** (trad. Werther Holzer). São Paulo: Perspectiva, 2011 [1946].

ENTRIKIN, J. N. O humanismo contemporâneo em Geografia. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, v. 10, n. 19, p. 5-30, 1980.

GOULD, P.; WHITE, R. **Mental Maps**. Middlesex: Penguin Books, 1974.

HOLZER, W. O método fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova geografia. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L.

(orgs.). **Temas e caminhos da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1986.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Documentos, 1969.

LÉVY, J. Os novos espaços da mobilidade. **Geographia**, Niterói, ano III, n.6, p.07-20, jul./dez. 2001.

LYNCH, K. **A boa forma da cidade** (trad. Jorge Manuel Costa Almeida e Pinto). Lisboa: Editora 70, 2007.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

OLIVEIRA, E. R. **Da cidade planejada à cidade espoliada**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2002.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, Rio Claro, v.4, n.7, 1979.

SAINT-EXUPÉRY, A. **Cidadela**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SENNETT, R. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental** (trad. Marcos A. Reis). Rio de Janeiro: Record, 2003.

SOJA, E. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo das percepções, atitudes e valores do meio ambiente** (trad. Lívia de Oliveira). São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência** (trad. Lívia de Oliveira). São Paulo: Difel, 1983.

A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM URBANA DO CENTRO DA CIDADE DE LEME/SP NO CONTEXTO DO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DO SETOR COMERCIAL DO INTERIOR PAULISTA

Samuel Penteado Urban

samuelurban15@yahoo.com.br

Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba

Palavras-chave: paisagem urbana, “circuito moderno”, “circuito não-moderno”.

A cidade de Leme (SP), mais especificamente seu centro urbano comercial, vem apresentando intensa transformação de sua paisagem urbana em função da modernização do comércio, relacionado às mudanças nos dois circuitos da economia urbana (contribuições da obra de Milton Santos).

Observa-se o aumento significativo de estabelecimentos ligados ao circuito moderno da economia (circuito superior), “sufocando” de modo generalizado o circuito “não-moderno” (circuito inferior). Porém, num processo contraditório, o circuito inferior se perpetua e muitas vezes demonstra também um crescimento significativo. Isto tudo porque mesmo com o processo de modernização, o não